

CHRISTIAN
CORNELISSEN

A
FADIGA
PROFISSIONAL



==== 1931 ====

Composto e impresso na
COOP. CASA DOS GRAFICOS
Travessa da Agua de Flôr, 35

==== LISBOA ====

EDIÇÕES DE
A BATALHA

A FADIGA PROFISSIONAL



GENERALIDADES - TRABALHO INTELECTUAL.

TRABALHO DE DIRECÇÃO E VIGILANCIA.

I

O constante desenvolvimento da técnica e divisão do trabalho tem sido a consequência directa do nascimento doutras sciências: a Fisiologia do Trabalho e a Psicologia do Trabalho ou a Psicotécnica. Entende-se por tudo isto o estudo das reacções que o trabalho e a psicologia do trabalho profissional exerce sobre todo o organismo e sobre a sua fisiologia e psicologia.

Muito antes da guerra mundial, os problemas da fadiga profissional e o *surmenage* dos operários tinham atraído a atenção dos fisiólogos, sociólogos e filantropos; os congressos internacionais de Higiene e Demografia foram os principais factores para introduzir a convicção de que, sob o sistema de industrialização moderna o perigo duma procura geral, não só é real e tangível senão eminente.¹

Em muitos países se têm creado laboratórios especialmente destinados ao estudo experimental do trabalho e à fadiga profissionais.

E' evidente que estes trabalhos sistemáticos se applicam mais particularmente ao trabalho industrial dos operários manuaes; entre estes, as experiências podem fazer-se em centenas ou milhares de

¹ Veja-se, por exemplo, o Informe apresentado ao Congresso de 1903 (Bruxelas) pelo Prof. Zaccaria Tréves, de Turin, e o dr. Roth, *Ermüdung durch Bemfsarbeit. Bericht überden XIV internationalen Kongress für Hygiene und Demographie*, Berlin, 1908. E também os dois informes do Prof. Stanley Kent, a fisiologia da Universidade de Bristol, no *Home Office* inglês: *Interim Report on au Investigation of Industrial fatigue by Physiological Methods*, Londres, 1915, e *Second Interim Report*, Londres, 1916. Permitimo-nos chamar particularmente a atenção sobre o livro de M. lle Josephine Goldmask, perita do serviço de sanidade publica dos Estados Unidos: *Fatigue and Efficiency*, 1.ª edição, New-York, 1912.

casos à vez, de modo que as diferenças nos resultados, que derivam das diferenças de constituição física e de mentalidade dos sujeitos se nivelam pelo grande número das pessoas submetidas a informes; não obstante, muitas das conclusões a que se chega pelos procedimentos de investigação moderna, concernentes não importa a que trabalho profissional. E com frequência se tem comprovado que são mais rigorosas para o trabalho intelectual de direcção, investigação, revisão e vigilância do que para o simples trabalho de fábrica.

Mas antes de passar adiante, detenhamo-nos a estudar o significado da palavra «fadiga». Entende-se por tal, em tese geral, uma diminuição de capacidades e funções da actividade humana no decurso do processo do trabalho, em consequência da deformação que se repara normalmente, quando o corpo está em repouso, mas que, não obstante, pode chegar a ser permanente no caso em que a causa de numerosas repetições e, consecutivamente, o repouso haja sido insufficiente. Isto é o que se chama o estado de *surmenage* ou gasto excessivo das economias ou reservas fisiológicas que os fisiólogos distinguem, segundo a natureza do trabalho, como resultante duma fadiga, já muscular, já nervosa, esta última menos conhecida todavia que a primeira.

Pelo que respeita ao trabalho intelectual, trabalho profissional de direcção, revisão, vigilância, etc., é lógico que seja a fadiga nervosa a que se tenha em consideração em primeiro lugar, sem deixar porisso de tomar-se cargo da fadiga muscular. Esta, efectivamente, pode revelar-se mesmo numa vida sedentaria, demasiado prolongada, como consequência duma série de movimentos monótonos repetidos durante um tempo demasiado largo nos officios manuais. A má digestão e as afecções estomacais, de que tão a miúdo se queixam o director da fábrica ou o intelectual que vive entre os seus livros, são causas tão apreciáveis para uma deformação muscular do corpo como a attitude eternamente igual do velho labrego ou o reumatismo agudo do cavador.

No quadro do nosso estudo não nos deteremos a descrever os diversos indices fisiológicos da fadiga industrial que se revelam por desordens da atenção e da memória, uma diminuição da lubrificação ou acuidade da vista ou do ouvido, desordens na pressão sanguínea, nas pulsações e no coração, etc. Segundo a natureza do trabalho, a fadiga profissional tem formas muito diferentes; seus efeitos diferem também segundo as condições pessoais de cada individuo: idade, sexo, estado sanitário, costumes no vestir, na alimentação, na habitação e no desfruto dos prazeres (jogos, passeios, viagens, etc.)

Constataremos, em termos gerais, que o corpo humano é um organismo extremamente delicado e que, desde o ponto de vista fisiológico, é tanto mais perigoso abandonar ou descuidar a observação dos primeiros sintomas da fadiga profissional, enquanto que muitas das formas desta fadiga, que conduzem pouco a pouco ao *surmenage* ou esgotamento, não são sentidas imediatamente pelo trabalhador intelectual ou manual. As investigações dos fisiólogos têm demonstrado, efectivamente, que mercê do *entreinamento*, o homem pode resistir a um regime de trabalho muscular ou nervoso sem que se possa registar uma diminuição da produtividade do trabalho. Isto tem ficado bem patente, depois de uma larga experiência, tanto pelo Director dos Trabalhos dos Estados Unidos como por M. Royal Mecker, na conclusão seguinte:

«Estou convencido que todas as enfermidades profissionais, a fadiga é a que reveste caracteres de gravidade mais alarmantes... Os efeitos da fadiga são os mais incisivos. A fadiga acumula-se pouco a pouco e ainda que um homem ou mulher, jovens na plenitude das forças, possam trabalhar durante largas horas, um largo período, em condições desfavoráveis, sem que pareça resentir-se ou experimentar os efeitos prejudiciais, mas ao fim de contas tudo se paga. A maior parte das desordens nervosas que sofrem os operários provêm do seu trabalho. Eu creio firmemente que metade, pelo menos, das enfermidades que se observam nos Estados Unidos têm a sua origem no trabalho e desenvolvem-se no decurso do trabalho». ¹

O professor Kent demonstra no seu segundo volume do *Home Office*:

«Quando uma pessoa alcança certo grau de fadiga por um trabalho realizado durante um número de horas ordinárias e deve, em continuação, fazer outro esforço — trabalho suplementar — sem tornar o esforço necessário para dissipar a fadiga produzida, é evidente que este trabalho suplementar tem um efeito fisiológico maior e esgota mais o organismo humano que uma quantidade de trabalho igual sem a presença da fadiga previa. ²

Este aviso relativo ao perigo das horas de trabalho suplementares tem tanta importancia para o trabalho intelectual, trabalho de direcção e vigilancia, como para o trabalho manual de que mais adiante nos occuparemos.

¹ *Monthly Labor Review*, Washington, número de Setembro de 1919. Artigo *Industrial Lasards*, pags. 3 e 4.

² *Home Office*, A. F. Stanley Kent, *Second Interim Report on an Investigation of Industrial Fatigue by Physiological Methods*, Londres, 1916, pag. 16.

Enquanto ao trabalho executado excepcionalmente em dia de repouso ordinário, o juízo dos psicólogos modernos é também muito severo.

Ao tratar do trabalho executado durante a guerra nas fábricas de munições, um informe inglês observa que «a fadiga é todavia mais evidente nos contramestres e pessoal directivo» e que «nestes casos, os resultados práticos são provavelmente mais graves que nos casos dos próprios operários». ¹

A comparação entre as duas categorias de trabalho é difícil de estabelecer, e no fundo trata-se duma impressão puramente pessoal dos investigadores. Seja como fôr, vigilantes e contra-mestres, engenheiros e directores nas fábricas e oficinas modernas, têm tanto interesse como os operários manuais em evitar, sempre que lhes seja possível, a execução de trabalhos suplementares, aos que nem o corpo nem o espírito têm o costume de acomodar-se. Não é com um soldo suplementar que se pode pagar o dano causado à saúde, e não se deve esquecer que, se a nossa constituição está acostumada ao repouso dominical, por exemplo, é porque o dito repouso chegou pouco a pouco a ser tão necessário à reparação da alteração dos nossos tecidos como necessário é o repouso cotidiano de horas fixas.

Um proverbio usual nos países colonizadores assegura que os anos passados pelos brancos são o mortífero clima das colónias «conta a dobrar». Do mesmo modo conta a dobrar as horas suplementares passadas na fábrica; e o director duma manufatura ou dum bazar que permaneceu no seu despacho duas ou três horas depois da saída do pessoal, para lançar contas e trabalhos do dia, ou o sábio que passa as noites de vela surpreendendo-o assim o novo dia encurvado sobre os seus livros, devem saber que minam a sua saúde tanto como o operário manual que aceita de bom grado o trabalho de noite por melhor remunerado, e perceber uns 50% sobre o estipulado na tarifa ordinária.

Bem verdade é que o homem pode vêr-se obrigado, por necessidades peremptórias da vida, a prolongar o seu trabalho, ainda passando o limite das suas forças. Por outra parte, é difícil saber com exactidão o que cada um de nós pode fazer sem prejudicar a sua saúde; quer dizer, de conhecer «o esforço ótimo» de que deve prover-se, em cada caso, para executar o máximo de trabalho com o

(¹) *Ministry of Munitions, Health of Munition Workers Comitee, Final Report, Industrial Health and Efficiency, Londres, 1918, pag. 20.*

mínimo de fadiga. Não apresentamos aqui mais do que observações gerais das que, sem duvida, se dispende esta conclusão: *que é necessário evitar no possível qualquer excesso!*

Onde começa o excesso? Porque sintomas se revela a situação anormal do corpo fatigado? O professor Stanley Kent termina as suas experiências sobre os operários industriais com esta observação: que os sinais mais acusados da fadiga consistem numa diminuição assinalada da acuidade da vista e do ouvido; mas é evidente que estes sintomas possam variar segundo a pessoa do trabalhador e o género do trabalho; que a dôr de cabeça ou costas, na vida sedentária, e ainda a debilidade de memória, etc., pôdem, às vezes, manifestar-se mais depressa no operário intelectual que a debilidade da vista ou do ouvido.

Do mesmo modo que se recomenda evitar no possível as horas de trabalho suplementar, convém interromper de quando em quando, segundo a natureza da occupação, o trabalho efectivo nalguns minutos de repouso, durante os quais o espirito pode descansar. Instintivamente, o operário, no meio dos seus mais duros e crueis labores acende um cigarro; o trabalhador intelectual, o artista, o director da fábrica, abrem a janela ou baixam um momento ao jardim para dar um pequeno passeio. Sobretudo no trabalho intelectual e no trabalho de direcção (logo falaremos do trabalho manual) seria um equívoco o tratar estes fugazes momentos de repouso, que o homem toma involuntariamente, como «tempo perdido».

A supressão de «tempos perdidos» deve ter-se em conta — o mesmo no trabalho intelectual que nas indústrias — evitando-se por meio do aperfeiçoamento da organização dos procedimentos no trabalho, mas não à custa desses curtos intervalos de descanso de que os corpos humanos podem ter necessidade.

A invenção dos automóveis parece-nos, por muitas razões, ter pôsto termo ao cansaço, enxaquecas e hipocôndrias que apoquentam, cada dia com mais intensidade, as pessoas que agem e se movem no mundo dos negócios.

Anteriormente, o passeiosito a pé, da casa para a oficina e desta para o restaurante, constituíam uma interrupção na vida sedentária que o chefe da Empreza evita agora porque tem o *limousine* que o espera à porta.

Evidenciamos, enfim, os bons efeitos que pode o costume de mudar o género de trabalho no momento em que certo cansaço, certa lassidão, anuncia os primeiros sintomas da fadiga. Diz-se que os directores da fábrica Ford, naquelas em que os operários faziam constantemente, durante horas e horas, os mesmos movimentos, observaram, depois de alguns anos, que com esses processos só lo-

gravam o enbrutecimento dos operários, transformando-os em verdadeiros despojos humanos, decidindo mudar com frequência as ocupações especializadas dos operários.

No trabalho intelectual, se se executa com gosto, é a meudo o entreinamento o que apresenta certo perigo. Quantas vezes nos ocorre a idea que não trabalhamos mais que uma escassa hora quando, súbitamente, ao olhar o relógio, damos conta que está próxima a hora da refeição? E, na realidade, trabalhou-se três ou quatro horas.

Em ocasiões semelhantes costuma succeder que, a maior parte das vezes, nos invade uma sensação de mal estar, como que a prevenir-nos que ultrapassamos os limites duma produção razoável. Se, então, não nos é permitido abandonar toda a espécie de trabalho para tomar um repouso merecido, o único remédio é mudar de ocupação e executar qualquer pequena tarefa pendente que possa ser feita sem exigir uma atenção assídua do nosso espírito. Se, pelo contrário, intentamos voltar a aplicar-nos aos mesmos trabalhos, tão profundamente absorventes, o resultado, sob o ponto de vista de trabalho, seria deplorável.

II

TRABALHO MANUAL - «RACIONALIZAÇÃO» DAS INDUSTRIAS E «TAYLORIZAÇÃO DO TRABALHO»

O professor Kent cometeu, em 1915, por conta do *Home Office* inglês, a empreza de estudar a natureza da fadiga dos operários industriais e medir o seu grau. Mencionámos, anteriormente, dois dos seus informes.

O primeiro refere-se aos resultados preliminares obtidos pelo exame dos empregados do laboratório, com a ajuda do ergógrafo, esse aparelho registador que se applica no princípio e no fim de cada jornada de trabalho.

Estas primeiras experiências foram completadas por outras levadas a efeito com operários impressores — homens e mulheres — mineiros e operários das manufacturas de produtos químicos. A diminuição da acuidade da vista e do ouvido pareceu que desta vez accusava mais nitidamente a fadiga industrial e, nos últimos dias da semana, os efeitos da fadiga revelavam-se mais. Pelo que res-

peita 2 horas suplementares os efeitos eram menos sensíveis quando as jornadas rendidas com trabalho suplementar estavam reparadas por jornadas normais.

O professor Kent expressou-se em termos muito claros; em primeiro lugar, contra essas horas de trabalho suplementar. «As horas suplementares — disse — são mais prejudiciais ao operário que o trabalho efectuado durante as horas ordinárias da jornada. Esse trabalho constitui, pois, um grande derramamento de forças fisiológicas». ¹ E ajunta: «As horas suplementares são uma loucura sob o ponto de vista fisiológico e económico, não chegando as mais das vezes à consecução do seu objectivo». ²

No ano de 1907, no Congresso Internacional de Higiene e Demografia, o dr. Roth, de Postdam, comunicou os resultados análogos de duas séries de observações feitas por ele em operários e operárias da indústria textil alemã. Assinalou os efeitos perniciosos do *surmenage* nesta indústria que exige, não só muito esforço muscular como obriga, também, a movimentos rápidos cujos efeitos resultam num esgotamento nervoso, anemia e neurastenia. Aconselhava, como remédio, romper a monotonia do trabalho mediante trocas de emprêgo.

Experiência análoga, como atrás dissemos, a do parecer adoptado nas manufacturas Ford, nos Estados Unidos.

Não menos concludentes foram as experiências feitas em 1894 pelo industrial inglês, M. William Mather, nos seus estabelecimentos metalúrgicos:

«A prática das horas suplementares é um erro, tanto da parte dos trabalhadores como dos patrões, Os operários compram demasiado caro o seu *sobresoldo* e o trabalho adicional que obtêm os patrões não vale o preço que pagam por elle» ³.

Pelo que se refere ao trabalho aos domingos, tão freqüente nas fábricas de produção contínua, o professor Kent faz a seguinte observação: «Em tempo ordinário, a diminuição da eficácia que se pode comprovar no final da semana recupera-se com o repouso do sábado de tarde e do domingo; mas quando se introduz no domingo o repouso não é suficiente e o estado de fadiga torna-se permanente. O fenómeno agravar-se-há de semana para semana, até ao esgotamento total do operário pelo esforço ou, resultado mais provável,

¹ Second Interim Report, pág. 16.

² Ibidem., pág. 22.

³ William Mather, Report on a Year's Work With a Forty-Eight Hours Week in the Salford Iron Works, Manchester, 1894, pág. 25.

até que o dito esforço se adapte à duração exigida... Mas, seja o que fôr, os resultados serão forçosamente desastrosos desde o ponto de vista do rendimento e, amiudadas vezes também, sob o ponto de vista da saúde»¹.

Será preciso insistir, todavia, sobre os efeitos nefastos das largas jornadas de trabalho e do *surmenage* tão pouco favoráveis ao rendimento dos estabelecimentos industriais e, por tudo, ao interesse bem compreendido dos fabricantes, assim como ao bem estar e à saúde das populações operárias? Escutemos, todavia, um último juízo formulado no informe final da Comissão Britânica das fábricas de munições:

«Um número de horas de trabalho que passe daquelas nas quais é possível o rendimento máximo que têm sido impostas aos trabalhadores das duas ou três últimas gerações da indústria moderna, estabeleceram entre elles uma tradição de trabalho retardado, provavelmente, em grande parte, duma maneira puramente automática e como medida de *selfproteção* (auto-protecção) fisiológica».²

Apesar de todas as investigações feitas nestes últimos anos pelos fisiólogos e psicólogos e, não obstante os seus avisos, a intensificação disso que desde há algum tempo a esta parte se chama «racionalização» das indústrias, constituem dois sérios perigos no ponto de vista do *surmenage* e da população operária.

Entendamo-nos bem: não está no nosso ânimo dizer alguma coisa contra os princípios da «racionalização» há tão largo tempo aplicada ao lado material da produção. Depois da guerra mundial, os industriais pegados à rotina, arrastados na torrente dos acontecimentos, reorganizaram os seus estabelecimentos, transformaram o seu material e renovaram o pessoal.

Enquanto essa reorganização se limita à introdução de novas máquinas, à standardização dos produtos, ao acôrdo entre diversos estabelecimentos para obter uma certa uniformidade das mercadorias que facilite a produção e tenda a fazer baixar os preços, à aplicação dum «routing system» próprio para conduzir duma maneira mais racional materiais, utensílios e instrumentos ao pé da obra.; a uma melhor organização da administração dos estabelecimentos pelo cálculo mais exacto dos preços de revenda, a fim de descobrir filtrações e perdas, fisiólogos, psicólogos e ecônomistas não terão objecções a fazer.

(1) Stanley Kent, Second Interim Report, pág. 4.

(2) Health of Munition Workers Committee, Final Report, Industrial Health and Efficiency, Londres, 1918, pág. 18.

Sem dúvida, desde o momento em que se trata da organização do trabalho, quer seja de direcção, organização e vigilância, quer do simples trabalho dos operários da fábrica, esperamos — e conste que falamos em economista — que os reorganizadores nunca esquecerão que os trabalhadores intellectuais e manuais são seres humanos e não seres inanimados ou materiais de construção.

Desde há cento e cinquenta anos os descobrimentos e inventos sucedem-se sem cessar. ¿E então hão-de aproveitar-se dêles uns quantos de entre nós sem procurar algum consólo para os que trabalham?

Mas sôbre o que particularmente queremos atrair a atenção é para as perigosas formas de reorganização do trabalho conhecidas pela denominação de *Fordismo* e *Taylorismo*.

Nas fábricas de automóveis «Ford» — fazemos caso omisso das tentativas de reorganização de que hoje se fala — a *peça a trabalhar* vai para o operário, sofre nas suas mãos algumas transformações e desliza-se automaticamente mais além, seguida por uma nova peça idêntica á precedente que avança no mesmo tempo rítmico. E' este sistema no movimento, esta submissão material do operário á engrenagem, isso que se chama fabricação «em série», o que constitui o estimulante da sua actividade. O estimulante neste caso é particularmente forte, constante, implacável; o número de peças acumuladas demonstra se o operário está à altura da sua tarefa. Se se fatiga demasiado, rapidamente, pior para êle! ¿Assombrar-se-há alguém que o perigo da *surmenage*, que arrisca a arruinar a individualidade do operário e do homem, se acentui mês a mês e de ano a ano submetido a um labor tão monótono?

Desde o ponto de vista puramente técnico, o sistema de estímulo do operário é aqui, certamente, superior ao que agora vamos descrever e que tornou célebre no mundo industrial o engenheiro americano Frederick Winslou Taylor.

O sistema Taylor é mais brutal, menos refinado do que o sistema Ford. Ataca directamente a faina diária do operário e fica para cada trabalho uma técnica-tipo, na qual cada gesto do operário, assim como as disposições dos materiais e das ferramentas, são cuidadosamente regulamentados, menos pelos movimentos rítmicos duma engrenagem mecânica do que pela vigilância e revisão incessantes de muitos contra-mestres. Um estudo analítico minucioso, de todos os movimentos necessários que determinam a tarefa operária permite aos técnicos encarregados da aplicação do sistema Taylor o standardizar ¹ os procedimentos de execução, eliminando todas

¹ N. do T. — Suprimir a variedade de tipos. Igualá-los; unitormizar.

as causas de fadiga inútil. Observando os estudos modernos sob a fadiga profissional distribuem os esforços operários necessários, tendo em conta os intervalos indispensáveis de repouso; quer dizer, determinam do princípio ao fim a tarefa diária-tipo que todos os operários suficientemente *treinados* devem poder executar, sob a pena de lançá-los à rua. A «selecção» dos seus trabalhos segundo as suas aptidões — base essencial do sistema Taylor — implica a eliminação de todos os elementos inferiores.

Geralmente, os diversos movimentos elementares necessários para a execução do trabalho, são neste sistema cronometrados es-
crupulosamente; algumas tabelas e folhas de instruções explicam detalhadamente aos operários os esforços que têm a fazer, as posturas a adoptar e o tempo normal em que cada operação elementar deve ser executada.

Por exemplo, determinou-se a velocidade com que um cavador, provido dum tipo de ferramenta apropriado, pode enterrar a pá e retirá-la convenientemente carregada; dum modo análogo se estudou o tempo necessário para se volvear a pá, lançar a carga a uma distância horisontal determinada de antemão e a uma dada altura, combinando ambos os extremos de distância e altura. ¹

Nos Estados-Unidos, como na Europa, tem-se levantado clamores de cólera contra as primeiras tentativas de introduzir a cronometragem e a «selecção» taylorista. Em ambos os continentes organizaram-se greves e os informes enviados às autoridades pelos Sindicatos faziam pressão sobre a intervenção das mesmas. O sistema Taylor foi denunciado com a classificação de «escola de *surmenage*». ²

De facto, todos os operários assalariados e as suas organizações reprovam o sistema Taylor por ser:

1.º Anti-científico, desde o ponto de vista fisiológico e psicológico;

2.º Oposto ao bem-estar operário;

3.º Contrário à paz do trabalho;

4.º Autocrático.

Anti-científico porque esquece o elemento humano na produção e trabalha o homem como trabalharia um lingote de ferro ou

¹ F. W. Taylor, *The Principles of Scientific management*. Edit. New-York et Londres, 1916, pag. 66, trad. franc. Royer, Paris, 1912, Section du *Travail à la pelle*, pag. 76-77.

² Veja-se, entre outros, o folheto de Emile Pouget, *L'organisation del surmenage*, Paris, Rivière; 1914.

uma saca de farinha. Exclui todo o trabalho especializado que exija o bom gosto ou o raciocínio do operário. E, por fim, o cálculo do salário não repousa sobre qualquer base científica, sendo manifestamente arbitrário.

Oposto ao bem-estar operário. O sistema Taylor elimina os operários mais conscientes e inteligentes se não se prestam a ser bastante estultos para se converterem num instrumento nas mãos do cronometrista. Além disto resulta deste sistema que os operários a elle submetidos, uma vez exgotados, ao converterem-se em despojos humanos, são recusados e arrojados á margem como limões ou laranjas espremidas.

Contrário á paz do trabalho. Porque em vez de reservar para os operários um lugar na gerência das fábricas ou *ateliers* onde trabalham — reivindicação sobre a qual o operário cada dia mais insiste em todos os países industriais — o sistema Taylor abre um abismo cada vez mais profundo entre o pessoal manual e os seus directores. As discussões entre o operário e os seus contramestres determinam sem cessar novos atritos e asperezas.

E, por último, o sistema é autoerático e oposto á democratização moderna das indústrias, porque intensifica a disciplina, suprime toda a iniciativa do operário e transforma toda a espécie de raciocínio para a direcção dos estabelecimentos industriais e comerciais.

E' evidente que Taylor e a sua escola «não têm querido» tudo isso que os operários reprovam. Taylor afirma, numa voz sumida, que a organização «científica» das fábricas e *ateliers*, tal como elle a comprehende, deve garantir o operário contra o *surmenage* e a fadiga excessivas. Não obstante, o operário tem a experiência de mais de meio século de luta com os contratantes e empregarios privados; pela experiência sabe o que ocorre, na realidade, na exploração das indústrias sob o regime do *Scientific Menagement*. Taylor e a sua escola podem ter tido excellentes propósitos — «o inferno está a abarrotar de boas intenções» — mas todos elles são engenheiros; não há, entre elles, um só sociólogo; e, está claro, que não têm estudado as consequências fisiológicas e psicológicas do seu sistema na ordem social actual. Não sabiam nem garantir, frente ao operário com mais experiência do que elles da vida diária, o aumento sensível dos salários que prometem. E, felizmente, o operário sabe que o aumento não poderá ser mais do que provisório, temporário, e que no caso e á medida que o sistema do *Scientific Menagement* se generalizar nas fábricas e oficinas, os salários tenderão a baixar para o seu antigo nível. Sem dúvida, ficaria com todo o seu «diabólico» vigor a cronometragem e a selecção.

Tomando parte na controvérsia do ponto de vista que nos ocupa, comprovamos que há uma falta fundamental no sistema técnico de Taylor e da sua escola, falta que se descobre igualmente no sistema Ford e outros mais. Provém dum absoluto desconhecimento da natureza humana que não permite ao homem dar um máximo de esforços mais do que periodicamente e durante uma dezena ou, quando muito, duas dezenas de anos da sua vida.

Advertimos que fisiólogos, psicólogos e peritos operários não são os únicos que predizem à humanidade a onda de *surmenage* profissional. Anteriormente demos já a opinião de consagrados às estatísticas, sobretudo de Royal Mecker. Ponhamos em relevo a de Robert Franklin Koxie, nomeado informador especial para a Comissão de relações industriais dos Estados-Unidos, que comprovou, num seu informe sobre o sistema Taylor, que:

«Os factos não justificam, sobre nenhum conceito, a afirmação de que o *Scientific Menagement* ofereça uma garantia qualquer contra o *surmenage* e o esgotamento do operário... Nada aparece nos métodos *especiais* do *Scientific Menagement* para prevenir o *surmenage* ali onde as condições técnicas o tornem possível e aproveitado e há muitas cousas nesses métodos para pôr nas mãos de empregados sem escrúpulos» (1).

A nossa opinião pessoal é que a racionalização das indústrias aplicada ao trabalho humano sujeito à cronometragem e selecção taylorista terá seguramente um futuro em determinados ramos de produção. Os seus inconvenientes, os danos que apresenta desde o ponto de vista fisiológico e psicológico são cousas que hoje estão no primeiro lugar na vida societária, na qual ao capitalista lhe está permitido usar tudo aquilo que adquire com o seu dinheiro. Pode, sim, portanto, perguntar se o desenvolvimento e o fomento *Scientific Menagement* levará a cabo, em definitivo, na direcção prevista pelos seus inventores e em proveito das empresas privadas.

Os estudos do tempo e dos movimentos, tal como Taylor os compreendeu para evitar todo o desgaste do trabalho humano, de-

(1) Robert F. Koxie, *Scientific Menagement and Labor*, New-York e Londres, 1916, Part. II, B. 8, pag. 91-92. A conclusões análogas chega Mademoiselle Josephine Goldmark, perita do serviço de Sanidade Pública dos Estados-Unidos: «Um dos perigos capitais da organização científica é que pessoas sem escrúpulos podem torcer facilmente as suas intenções para utilizá-la no interesse próprio e com fins exclusivistas. Os riscos mecânicos que apresenta, como a cronometragem das operações e outros procedimentos análogos, são fáceis de copiar; e, pelo menos, que não se apliquem correctamente, podem ser utilizados para explorar o trabalhador tão desapiadadamente como jámais se fez até ao presente». *Fatigue and Efficiency*, ed. 1917, cap. VII, I, pag. 200.

vem ter o seu lugar na escola profissional, o mesmo que a selecção racional dos jovens operários, segundo as características fundamentais de cada profissão e as aptidões especiais de cada individuo.

Aplicada a taylorização ao trabalho dos adultos na plena produção industrial, conservará sempre alguns méritos: primeiro, separar categòricamente o trabalho de preparação, confiado a técnicos especializados, dos trabalhos de execução mecânica; logo, reduzir ao minimo os esforços humanos nesta última categoria de trabalhos.

Sem dúvida, a vigilância de todos estes procedimentos deve pertencer aos próprios que sofrem os efeitos, quere dizer, aos operários. Aplicado sob a direcção scientifica de physio-sociólogos e sob a immediata vigilância das organizações operárias, o sistema Taylor sobreviverá.

Ponhamos em relêvo, uma vez mais, que a saúde, a situação higiênica da população operária é uma cousa tão importante que não basta ainda a vigilância das pessoas interessadas. A *comunidade* tem, também, os seus direitos. Sabido é, de todo o mundo, que existem muitos países que possuem um corpo médico especial de escolas encarregadas pelos respectivos municípios para que examinem regularmente os alunos de diferentes instituições de ensino, com o fim de prevenir-se contra enfermidades e a formação de defeitos corporais na juventude.

Que o futuro nos reserve médicos de fábricas, minas e oficinas. Não médicos nomeados pelas empresas capitalistas, mas sim peritos públicos designados para velarem pela saúde dos trabalhadores em todos os lugares de produção.

Tal como actualmente se apresenta a situação, sob o impulso violento da «racionalização» das indústrias e a «Taylorização» do trabalho, é preciso fazer constar que não é digna duma civilização verdadeiramente humana e que se corre o perigo dum *surmenage* geral mais ameaçador do que nunca.

FIM

